

“ESTOU SENDO O QUE SEMPRE FUI”: Juventude LGBTI+ de Favela e o Teatro do Oprimido na Escola

Thalia Rampazio Viana¹

Beatriz Akemi Takeiti²

Joana da Costa Macedo³

Resumo: Este artigo apresenta um recorte de pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O objetivo é refletir sobre as relações de gênero e sexualidade no contexto escolar de juventudes urbanas periféricas, utilizando o Teatro do Oprimido como ferramenta pedagógica para uma educação decolonial. As oficinas foram realizadas em uma escola pública de ensino médio no Rio de Janeiro. A metodologia consistiu na aplicação de práticas corporais e dramatizações para a problematização das opressões vivenciadas cotidianamente pelos estudantes, com ênfase nas experiências da população LGBTI+. Os resultados apontam para a criação de um espaço de escuta, acolhimento e partilha, favorecendo a articulação de estratégias críticas de enfrentamento às opressões interseccionais. Conclui-se que a utilização do Teatro do Oprimido, enquanto ferramenta pedagógica, possibilitou o fortalecimento de uma educação antirracista e decolonial, promovendo reflexões coletivas sobre gênero, sexualidade e suas implicações no ambiente escolar.

Palavras-chave: Teatro do Oprimido; Juventude Periférica; Gênero e Sexualidade; Psicossociologia de comunidades; Educação

"I AM BEING WHO I HAVE ALWAYS BEEN": Theatre of the Oppressed and LGBTI+ Favela Youth in the School Context

¹ Psicóloga, mestra e doutoranda no Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia social (EICOS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). e-mail: rampaziothalia@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5520-1191>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9892566164551377>.

² Profa. Dra. do Departamento de Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina e do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS) - UFRJ. e-mail: biatakeiti@medicina.ufrj.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2847-0787>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7350700223254990>.

³ Profa. Dra. do Departamento de Sociologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pós-doutoranda em Educação na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE/UFRJ). e-mail: joana.macedo@uerj.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0821-9010>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7212073123978114>.

Abstract: This article presents an excerpt from a research conducted within the Postgraduate Program in Psychosociology of Communities and Social Ecology at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ). The aim is to reflect on the relationships between gender and sexuality in the school context among urban peripheral youth, using Theatre of the Oppressed as a pedagogical tool for decolonial education. The workshops were held in a public high school in Rio de Janeiro. The methodology involved the application of bodily practices and dramatizations to address the oppressions experienced by students in their daily lives, with a focus on issues affecting the LGBTI+ population. The results indicate the creation of a space for listening, support, and collective sharing, promoting the development of critical strategies for confronting intersectional oppressions. The conclusion is that the use of Theatre of the Oppressed, as a pedagogical tool, strengthens anti-racist and decolonial education, fostering collective reflections on gender, sexuality, and their implications in the school environment.

Keywords: Theatre of the Oppressed; Peripheral Youth; Gender and Sexuality; Psychosociology of Communities; Education.

“ESTOY SIENDO LO QUE SIEMPRE FUI”: Teatro del Oprimido y Juventud LGBTI+ de la Favela en la Escuela

Resumen: Este artículo presenta un recorte de investigación realizado en el Programa de Posgrado en Psicosociología de Comunidades y Ecología Social de la Universidad Federal de Río de Janeiro (UFRJ), cuyo objetivo es reflexionar sobre las relaciones entre género y sexualidad en el contexto escolar de la juventud periférica urbana, utilizando el Teatro del Oprimido como herramienta pedagógica para una educación decolonial. Los talleres se llevaron a cabo en una escuela pública de educación secundaria en Río de Janeiro. La metodología consistió en aplicar prácticas corporales y dramatizaciones para abordar las opresiones que los estudiantes experimentan en su vida cotidiana, con un enfoque en las problemáticas que afectan a la población LGBTI+. Los resultados indican la creación de un espacio de escucha, apoyo y compartición colectiva, promoviendo el desarrollo de estrategias críticas para enfrentar las opresiones interseccionales. La conclusión es que el uso del Teatro del Oprimido, como herramienta pedagógica, fortaleció la educación antirracista y decolonial, fomentando reflexiones colectivas sobre el género, la sexualidad y sus implicaciones en el entorno escolar.

Palabras clave: Teatro del Oprimido; Juventud Periférica; Género y Sexualidad; Psicosociología de Comunidades; Educación.

INTRODUÇÃO

O presente artigo trata-se de um recorte da pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A partir de oficinas teatrais da metodologia “Teatro do Oprimido” (TO) como recurso pedagógico, analisou-se o cotidiano da juventude urbana periférica no contexto escolar. Foram realizados encontros semanais em uma escola pública de ensino médio, durante seis meses. A pesquisa se constrói a partir da questão norteadora: De que forma a metodologia do Teatro do Oprimido pode contribuir para os debates sobre opressões interseccionais entre jovens periféricos da rede de ensino público do Rio de Janeiro, constituindo-se como ferramenta para composição de uma educação decolonial? Ao interligar a metodologia do TO enquanto intervenção psicossocial à prática decolonial na educação, possibilitando políticas educacionais e culturais abrangentes, promovendo engajamento e participação social, desmecanização corporal e disseminação de diferentes saberes.

Bento (2011) define o espaço escolar como reprodutor de valores hegemônicos, evidenciado na matriz curricular das escolas, assim como na perspectiva sobre os sujeitos ali presentes. Através da reprodução do discurso hegemônico, estabelece denominações entre o “normal” e aquele que desvia do caráter normativo de gênero, sexualidade, raça, classe e tudo que foge do padrão é visto como “outro”. A escola reflete aspectos da sociedade e possui potencial transformador ao constituir um espaço de diálogo crítico.

Intermediada por abordagens para o diálogo estudantil e construção coletiva no espaço escolar, esta pesquisa propõe a utilização da metodologia do Teatro do Oprimido, desenvolvida pelo dramaturgo Augusto Boal para a produção dos dados. Boal (1975) apresenta em suas obras a perspectiva política do Teatro do Oprimido, que busca transformar a sociedade pela libertação dos oprimidos através da representação teatral.

Santos (2016) aponta o Teatro do Oprimido como ferramenta eficiente de comunicação e busca de alternativas concretas para resolução de conflitos reais, criando condições para que sujeitos oprimidos possam se apropriar da

produção teatral suas possibilidades expressivas. Por meio do diálogo, compreende-se as implicações dos sujeitos sociais em cena e fora dela: todos são “espect-atores” e espectadores também interferem no diálogo a partir de suas percepções, propondo alternativas ao problema apresentado. O Teatro do Oprimido constitui, portanto, um instrumento de transformação crítica, quando utilizado na escola como recurso para debater as opressões que atravessam o cotidiano dos alunos.

A escola pesquisada localiza-se em um território de favela, evidenciando as vivências da juventude urbana periférica do Rio de Janeiro. A juventude, especialmente das grandes metrópoles brasileiras, como o Rio de Janeiro, enfrenta um contexto de múltiplas adversidades sociais, econômicas e culturais. Esses jovens lidam com desafios expressivos, não apenas no acesso à educação de qualidade, mas sofrem às violências estruturais, como o racismo, LGBTI+fobia, a precariedade de serviços públicos e a exclusão social. As periferias urbanas, sistematicamente estigmatizadas e marginalizadas, têm suas narrativas e vivências minimizadas ou distorcidas nos discursos dominantes, as reduzem à criminalidade e à pobreza.

Na periferia emergem novas formas de resistência, identidade e pertencimento. A juventude de favela atua ativamente na transformação de seu contexto. Movimentos culturais, artísticos e sociais consolidam-se nessas regiões, sendo fundamentais para a construção de novas subjetividades expressões, inclusive no campo educacional. A valorização da cultura periférica e do protagonismo juvenil mostram-se essenciais ao empoderamento dessa juventude, possibilitando que ela resista e repense suas trajetórias sob uma perspectiva contra-hegemônica.

No ambiente escolar, estudantes enfrentam o desafio de se reconhecerem nos currículos e práticas pedagógicas, as quais negligenciam suas histórias, culturas e vivências. O racismo e a discriminação de gênero e sexualidade nas relações escolares tornam ainda mais urgentes a implementação de práticas educativas que reconheçam a diversidade e a pluralidade dessa juventude. Nesse contexto, é fundamental que a escola

proporcione uma formação acadêmica e seja um espaço de escuta, acolhimento e valorização das identidades e dos saberes dos jovens.

Adota-se portanto, uma perspectiva interseccional, visando ao resgate e à valorização da memória sócio-histórica dos participantes inseridos e das contribuições artísticas e culturais presentes no território. Cada indivíduo pode visualizar sua história e também modificar a cena. Collins e Bilge (2021) afirmam que a interseccionalidade permite compreender como as categorias sociais de raça, classe e gênero interagem e se entrelaçam.

Por meio das oficinas do Teatro do Oprimido realizadas com estudantes do ensino médio em um colégio estadual na zona norte do Rio de Janeiro, foi possível promover debates sobre opressões interseccionais, especialmente discussões relacionadas à sexualidade e identidade de gênero. Este espaço proporcionou um uma escuta coletiva dos estudantes que eram afetados principalmente pela LGBTI+fobia. Além disso, possibilitou reflexão de novas perspectivas de trabalho na comunidade escolar, democratizando o acesso à cultura e arte na educação, visto que: “a imaginação é uma das formas mais poderosas de resistência que pessoas oprimidas e exploradas podem usar” (Hooks, 2020, p.105).

Este artigo está organizado em cinco partes além desta introdução. Na seção seguinte, intitulada “A escola e o debate sobre sexualidade e gênero”, abordamos o diálogo sobre sexualidade e gênero no ambiente escolar, considerando a escola como instituição formadora da juventude. Na seção seguinte, “O Teatro do Oprimido como dispositivo na educação”, apresentamos a metodologia do Teatro do Oprimido, sua construção, e intervenções e seu potencial como ferramenta educacional. Por fim, descrevemos sobre a metodologia das intervenções realizadas na escola e os resultados obtidos em campo, relacionando-os aos fundamentos teóricos da pesquisa.

A escola e o debate sobre sexualidade e gênero

A escola é o ambiente de maior socialização durante o desenvolvimento que sucede ao âmbito familiar, um espaço de aprendizagens sobre si, o mundo

e as formas de vivenciar o coletivo. A educação é um direito garantido pela Constituição Federal e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente que, em seu artigo 53º, assegura o direito da criança e do adolescente ao acesso à educação, visando desenvolvimento pessoal, preparação profissional e exercício da cidadania.

Em relação à instituição escolar, cabe a reflexão sobre seu espaço “conservador”, já que a mesma reflete, por mais de um século, esses elementos para o seu funcionamento: uniforme, carteira, quadra, secretaria. Embora esses componentes tenham se transformado ao longo do tempo, dada a inevitabilidade e essencialidade das mudanças, a estrutura define a identidade da escola e sua forma de educar (Brasil; Helmholtz, 2014).

Foucault (2011) apresenta a instituição como esse espaço disciplinar de controle dos corpos e manifesto também na forma como se arquiteta sua estrutura, remetendo às instituições de privação de liberdade como a prisão: um espaço gradeado, com vigias, o indivíduo deve portar-se de determinada maneira, sem considerar suas escolhas. A disciplina como “anatomia política do detalhe” (Foucault, 2011, p.128) insere em cada indivíduo um olhar regulatório: “o poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e retirar, tem como função maior adestrar; ou, sem dúvida, adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor” (Foucault, 2011, p.143).

Um ensino engessado impede trocas entre alunos e educadores. Partindo da perspectiva freireana: “quem ensina aprende ao ensinar, quem aprende ensina ao aprender” (Freire, 1996, p.25). Há uma riqueza de conhecimento presente na juventude que frequenta a escola, ao trazer aspectos do seu cotidiano e suas vivências, o estudante se reconhece pertencente àquele espaço, não apenas como uma máquina. Dessa forma, é preciso repensar o currículo, que, ultrapassando o teor pedagógico, estrutura-se a partir do saber dominante.

Construir saberes contra-hegemônicos na escola significa romper com a normalização de instituições educacionais que não pautam questões de gênero, sexualidade ou raça. Trazer à tona esses conceitos possibilita ao sujeito se

visualizar e compreender o mundo ao seu redor com um olhar amplo e crítico. Ao abordar os limites da escola para lidar com a complexidade do existir, Bento (2011) afirma que:

Para se compreenderem os motivos que fazem da escola um espaço destinado, fundamentalmente, a reproduzir os valores hegemônicos, é necessário sair desse espaço, ampliar nosso olhar para a própria forma como a sociedade produz as verdades sobre o que deve ser reproduzido, quais os comportamentos de gênero sancionados e por que outros são silenciados e invisibilizados, qual a sexualidade construída como "normal" e como gênero e sexualidade se articulam na reprodução social. Essas questões não podem ser respondidas exclusivamente nos limites da escola. Há um projeto social, uma engenharia de produção de corpos normais, que extrapola os muros da escola, mas que encontrará nesse espaço em um terreno fértil de disseminação (Bento, 2011, p. 555).

A perspectiva colonial hegemônica do que é o sujeito “padrão” é reproduzido na escola e tudo que foge a esse modelo é considerado “diferente”. Como colocam Silva e Paveltchuk (2014), as referências utilizadas na escola para dialogar sobre família, relações de afeto, relações de gênero são baseados na cis-heteronormatividade. Na intenção de trabalhar a “diversidade”, ou seja, contemplar aquilo que foge da norma, a escola reproduz um discurso pronto onde a diferença está sempre localizada no outro, no qual “a diferença é problema no contexto higienista da tolerância, porque nesse contexto a diferença é o desvio de um suposto caminho certo” (Paveltchuk, 2014, p.53).

É preciso compreender a educação como um ponto de partida e um espaço político para dialogar e repensar questões da sociedade em perspectiva emancipatória. A neutralidade dentro da instituição reproduz saberes já acumulados, os quais carregam vieses dos sujeitos que se privilegiam em determinadas questões. A partir dessa naturalização se criam perspectivas sociais que estão enraizadas nos indivíduos. A escola deve atuar como desconstrutora de práticas discriminatórias, já que “a escola não está separada da vida em sociedade” (Silva; Paveltchuk, 2014, p.58).

Segundo Louro (2007), a sexualidade permanece sob vigilância e controle das sociedades, enquanto a perspectiva biológica mantém-se como base para estabelecer uma ordem natural, ignorando dimensões políticas e sociais. A

autora destaca que a perspectiva do gênero e da sexualidade é atravessada por diversos fatores sociais e culturais, geralmente pautadas em perspectivas cis-heteronormativas. Tendo a família, escola, igreja e outras instituições influenciadas na construção.

Antes mesmo do seu ingresso no contexto escolar, os sujeitos aprendem o que é permitido ou não de acordo com seus gêneros. Na escola, também há a reprodução dessas categorias, assim como reafirmações de “diferenças” ao não abarcar o que compõem um todo (Louro, 2007).

Dessa forma, Louro (2010) argumenta que a escola não deve ser vista como a única responsável por explicar as identidades sociais. A autora destaca que por meio da afirmação ou silenciamento, “é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras” (Louro, 2010, p. 30-31). Existe o desafio de estabelecer no contexto educacional uma possibilidade de diálogo interseccional entre todos os marcadores que atravessam o sujeito. Louro (2001), indica caminhos possíveis de uma transformação ao apresentar a teoria queer⁴.

O Teatro do Oprimido como dispositivo na educação

O Teatro do Oprimido é uma metodologia que vai além do entretenimento, transformando-se em uma poderosa ferramenta de conscientização e mobilização social. Seu propósito era estabelecer o teatro como um espaço para o diálogo e reflexão crítica sobre questões sociais e políticas (Santos, 2016). Boal (1975) buscava estimular a consciência dos espectadores, despertando a compreensão de contextos opressivos existentes e incentivando os sujeitos a se posicionarem ativamente na busca por transformações significativas.

⁴“A teoria queer permite pensar a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação” (Louro, 2011, p. 550).

A arte atua como ferramenta que potencializa a valorização da memória sócio-histórica, e oferece um caminho como dispositivo psicossocial de escuta. Por meio dessa metodologia, o indivíduo rompe com as convenções sociais estabelecidas, permitindo-se ocupar diversos espaços possíveis em sua existência. A arte tem sido um modo de resistência nos diversos espaços em que se apresenta, inclusive nas periferias, possibilitando expressão e reconhecimento do mundo. O Teatro do Oprimido tem sua construção baseada em um cenário que a arte é política, podendo atuar como ferramenta descolonizadora de práticas no âmbito da educação.

Conceição (2020) afirma que o objetivo do Teatro do Oprimido é revelar as formas de exclusão e dominação social, apresentando novas perspectivas do mundo e das relações. Nas ações do TO, cada participante representa sua posição social, construindo caminhos de transformação, onde o indivíduo se vê em cena e transforma sua realidade. O TO atua como um dispositivo psicossocial na escola, para que, através da experimentação coletiva, os participantes visualizem sua posição no mundo, desenvolvendo a autorreflexão em uma ação política e crítica, vinculada ao processo emancipatório de debates sobre opressões interseccionais.

Na escola, o Teatro do Oprimido demonstra potencial significativo na transformação do sujeito em seu contexto social, e, dessa forma, se alinha com a perspectiva freiriana, possibilitando ao estudante se reconhecer como cidadão ativo. Além disso, essa abordagem contribui para uma pedagogia transformadora, conectando vivências dos alunos ao ambiente escolar:

Observa-se que tanto a proposta da Pedagogia quanto o Teatro do Oprimido apontam saídas para desalienação do sujeito e mudanças de postura do opressor e propõem o diálogo como o grande aliado para resolução de problemas de opressão. É por meio do diálogo que existe a possibilidade de o oprimido externar suas angústias e de o opressor ouvi-las (Silva; Costa, 2020, p.7)

Segundo Bárbara Santos (2019), o Teatro do Oprimido desenvolve-se como processo pedagógico-estético que, por meio da produção artística, busca uma ação política. Mais profunda do que uma simples encenação, apresenta uma linguagem estética expressando ideias e questionamentos sobre a

realidade. Possibilitando espaço para que a plateia possa se manifestar superando o papel de mero espectador: “O teatro nos permite explorar diversos aspectos de uma questão, alguns dos quais, só podem ser percebidos sensorialmente” (Santos, 2019,p.357).

Nesse sentido, Teixeira (2007) apresenta as técnicas do TO como uma prática de educação social, reconhecendo conflitos individuais e coletivos, por meio de problematização e transformação crítica das representações sociais. A autora propõe a aprendizagem dos grupos mediante técnicas e exercícios alinhados à realidade social. O TO constitui como um recurso para abordar opressões individuais, manifestadas no corpo ou no coletivo, que permeiam o sujeito em seu contexto.

Metodologia: O Teatro do Oprimido como método de intervenção

Tratou-se de uma pesquisa-intervenção, do tipo exploratória, de abordagem qualitativa, utilizando o Teatro do Oprimido como método. Segundo Rocha e Aguiar (2003), a pesquisa-intervenção busca a experiência da ação proposta, não a mudança imediata, tendo como pressuposto que a mudança é consequência da produção das relações entre teoria e prática, bem como entre sujeito e objeto. A pesquisa-intervenção constitui uma transformação coletiva, resultando da produção do grupo envolvido.

No contexto das pesquisas participativas, a pesquisa-intervenção parte do pressuposto que a produção do conhecimento ocorre durante a própria ação em conjunto com coletivo. Busca, dessa forma, questionar as relações de poder nas dinâmicas de pesquisa, rompendo com uma suposta neutralidade do pesquisador e compreendendo as correlações que se constroem no processo. Assim, integra os saberes de todos os participantes como os principais produtores de conhecimento (Chassot e Silva, 2018).

A pesquisa foi realizada por duas psicólogas, sendo uma pesquisadora principal e a outra assistente de pesquisa. A assistente de pesquisa contribuiu na produção de dados, e participou das intervenções nas rodas de conversa. Para a coleta de dados, foi utilizado: diário de campo da pesquisadora e da

assistente de pesquisa, gravações de áudio, fotos e vídeos. Foram realizadas oficinas utilizando a metodologia do TO e a partir delas, debates sobre temáticas que perpassam o cotidiano juvenil.

O Teatro do Oprimido é um meio de buscar alternativas para a transformação do real, utilizando o diálogo e a participação social. A escuta é fundamental, e por isso, os temas emergiram naturalmente das vivências dos participantes. Dessas experiências, o grupo discutiu coletivamente as estratégias de transformação. Ao término de cada oficina, realizou-se uma roda de conversa com o objetivo de compartilhar as percepções dos participantes.

No que se refere à inserção dos participantes, todos fizeram a inscrição nas oficinas a partir da divulgação de um formulário feito no *Google Forms*, onde se inscreveram 25 participantes. A participação foi espontânea já que: “qualquer iniciativa com o Teatro do Oprimido nas escolas para ser adequada, precisa garantir que a participação seja voluntária e que o projeto não vise a adaptação de estudantes ao status quo pedagógico da instituição” (Santos, 2016, p. 477). Dessa forma, todos se inscreveram pelo desejo de participar.

Nossas oficinas se iniciaram em meio a um contexto de atentados escolares pelo Brasil. Segundo estudos do Grupo de estudos e pesquisas em educação moral (GEPEM), 2023 foi o ano com maior número de atentados escolares. Em abril do mesmo ano, durante as atividades, diversos atravessamentos impactaram o campo, como as operações policiais que impediam os alunos de sair de casa, no contexto de greve tivemos que interromper as oficinas no final de maio, retornando apenas em agosto após sua finalização.

Foram realizados aproximadamente 10 encontros, os quais tiveram uma rotatividade de participantes. Em conjunto, construímos um cartaz com palavras que refletem o cotidiano dos alunos, visando orientar a construção da cena final.

As oficinas foram baseadas em um guia dinâmico construído pela pesquisadora com jogos teatrais do TO e construção de cenas. Aconteceram aproximadamente 10 encontros com duração entre 1 hora e 1 hora e 30 minutos.

O Teatro do Oprimido possui algumas categorias que compõem o objetivo de trabalhar o corpo de forma ampla, sendo essas:

- Introdução - Exercícios simples e rápidos para aquecer a plateia antes de uma apresentação de Teatro-Fórum ou na abertura de oficinas;
- 1ª categoria: Sentir tudo o que se toca: jogos que estimulam o toque e a desmecanização muscular e postural;
- 2ª categoria: Escutar tudo o que se ouve: trabalham a sonoridade e o ritmo corporal;
- 3ª categoria: Estímulo aos vários sentidos: exercícios realizados de olhos fechados e assim sendo, estimulam os demais sentidos;
- 4ª categoria: Ver tudo o que se olha: desenvolvem a capacidade de observação. As técnicas utilizadas nas oficinas foram baseadas a partir do livro “Jogos para atores e não-atores” de Boal (2014).

Os jogos do Teatro do Oprimido foram reconstruídos a partir de brincadeiras e jogos teatrais já existentes com o intuito de desmecanização do corpo e promoção do diálogo. A desmecanização do corpo na metodologia representa o processo de ruptura com os padrões automáticos dos movimentos corporais. Assim, explora-se a expressão das experiências cotidianas de uma forma autêntica, rompendo com as convenções tradicionais, dando lugar a movimentos e expressões faciais que espelham as suas próprias vivências e emoções genuínas.

No início das oficinas não estabelecemos uma temática específica, o objetivo era que os temas emergissem naturalmente a partir da vivência cotidiana e experiências dos participantes. Após os jogos, abria-se um espaço para a construção de cenas a partir das imagens corporais e em seguida uma roda de conversa para dialogar sobre os atravessamentos do cotidiano.

A análise dos dados considerou a experiência como elemento central no desenvolvimento da pesquisa. Renault e Ramos (2019) destacam que o engajamento dos pesquisadores e a participação dos envolvidos permeiam a análise de dados da pesquisa-intervenção. O processo de coleta/produção e análise ocorrem simultaneamente, pois derivam da experiência. Com base nos

dados coletados, realizou-se uma análise de conteúdo (Bardin, 1977) examinando os registros do diário de campo da pesquisadora, e da assistente de pesquisa e especialmente da transcrição das oficinas. A leitura flutuante permitiu identificar os enunciados presentes no texto. A partir desses enunciados, desenvolveram-se unidades de significação para constituir uma categoria analítica.

A análise de dados fundamentou-se nos registros obtidos pelo diário de campo, gravações das oficinas, fotos, vídeos e textos produzidos pelos participantes. O processo analítico iniciou-se com uma leitura flutuante de todo o material coletado nos encontros. Por meio leitura, foram selecionados enunciados, e a partir dos enunciados, juntou-se em três unidades de significação: US1 - Violência; US2 - Saúde Mental e US3- Instituição. A partir dessas unidades, a nomeação da categoria de análise inspirada em um texto de um participante: “O som do silêncio chega aos meus ouvidos, sinto algo me oprimindo” (PARTICIPANTE DA PESQUISA, 2023).

Além disso, foi realizada uma leitura flutuante do PPP para identificar como os debates sobre opressões interseccionais (raça, classe, sexualidade, deficiências e gênero) estavam inclusos. Ao relacionar os resultados das experiências com o PPP da escola participante, observamos lacunas em certos assuntos, embora exista uma abertura para criar canais onde os alunos se sintam seguros de compartilhar. Foi observado também que a escola viabiliza parceria com instituições para que os alunos tenham acesso a diversas atividades extracurriculares com temáticas múltiplas.

Este estudo está de acordo com os aspectos éticos das Resoluções 466/12 e 510/16. Os critérios de inclusão utilizados para a participação da pesquisa foram: ser estudante do ensino médio da rede pública de ensino, regularmente matriculado. Ter entre 15 a 18 anos, ambos os sexos, do turno diurno, podendo apresentar algum tipo de deficiência. O critério de exclusão foi: jovens egressos da escola. Essa pesquisa foi submetida e aprovada ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ (CEP-CFCH), foram entregues aos pais dos alunos e aos alunos participantes um termo de

autorização para a participação da pesquisa, assim como, o uso do material para sua publicação.

Experimentando o Teatro do Oprimido na escola:

*Só eu sei o quanto lutei para amar como amo e agora não posso amar porque incomoda a fulano.
Porque amar do jeito que amamos é errado e profano; somos negados e como lixo somos tratados.
Pois somos filhos do diabo e para o fogo deveríamos ter voltado.
No oculto somos mortos e oprimidos, sangramos e choramos pelo jeito "errado" que amamos.
Obrigado a me esconder, porque aos "certos" estou incomodando; eu sou filho do diabo por demonstrar o jeito que amo ?
"Se quer ser mulher vai apanhar do jeito que uma merece"; "você nasceu mulher e agora quer ser moleque"; "prefiro ver meu filho morrer do que ele se tornar LGBT"; "isso é errado, Deus não se agrada, você pode ser curado".
Eu não quero ser tratado, muito menos curado; estou sendo que eu sempre fui só que você nunca tinha notado. (J. Texto de um dos participantes, 2023)*

Retornar ao ambiente escolar, agora com outro corpo e contexto geracional, foi uma experiência muito nova para mim. Os funcionários, professores e coordenação demonstravam hostilidade por me confundirem com aluna, mas mudavam sua postura ao saberem que eu era da universidade. Existe uma descredibilidade ao aluno na escola, um lugar onde há um limite da sua participação ativa.

No início de toda oficina realizamos o trabalho de desmecanização corporal. O ambiente escolar frequentemente segue uma lógica de disciplinarização. Os exercícios propostos na oficina visavam a desmecanização corporal, assim como um dispositivo de vínculo que ressoavam risadas, sensações e troca de olhares entre os participantes "Teatro é muito estranho" (ESTUDANTE L., 2023) - uma das participantes comentou rindo enquanto andávamos pela sala - e eu perguntei "Mas por que você acha estranho?", e ela respondeu "Ah, tem umas coisas com o corpo" (ESTUDANTE L., 2023). Perceber as singularidades do cotidiano significa perceber nossa presença física e seu contexto. Na imagem abaixo, os alunos registram palavras que atravessam seu

cotidiano, para nortear nossas temáticas, com o objetivo de orientar na construção da cena final.

Imagem 01 - Oficina de Teatro do Oprimido



Fonte: Acervo da autora (2023)

Nos aspectos que permeiam o corpo, foi possível identificar vivências interseccionais que convocam um olhar sensível à saúde mental dos jovens na escola. Ao refletir sobre o cotidiano escolar, um estudante falou que muitas vezes sente falta de um espaço como esse, ou espaço que possa ter mais diálogos. Os alunos relataram situações como: “os professores não respeitam e não entendem o fato de ser uma pessoa diferente, não respeitam o pronome e se colocam enquanto detentores da razão” (ESTUDANTE I., 2023). E grande parte dos diálogos envolvia a necessidade de um espaço seguro onde seria possível dialogar e construir em coletivo. Desse modo, trazemos o debate do que é visto e colocado como diferente dentro do contexto escolar, e como eles se sentiam de ser colocados nesse viés:

(...) mas eu acho que isso que a *** falou é importante, como é que são trabalhadas essas diferenças aqui na escola? porque todo mundo é diferente, né? têm idades diferentes, gêneros diferentes, pessoas diferentes... e isso foi algo que apareceu muito dentro de todas essas palavras que vocês colocaram, tudo isso entra na diferença, as pessoas, então como que vocês conseguiriam trabalhar esse tema, tudo isso que apareceu, numa cena, pra mostrar... o que vocês gostariam de mostrar, sobre as diferenças? (ASSISTENTE DE PESQUISA, 2023)

Com base nas reflexões apresentadas, podemos afirmar que as oficinas permitiram aos participantes trazer à discussão seu corpo no mundo. Grande parte dos participantes traziam à cena questões que atravessavam a sexualidade e identidade de gênero e temas nos quais o corpo aparecia em cena. Os jogos possibilitaram aos estudantes debaterem a questão da diversidade sexual e de gênero, a pressão estética que atravessa seus corpos, suas relações familiares e sociais, além de compartilharem textos e produções que construíram originadas de suas vivências.

Cara, eu tava na internet, porque lá é tipo minha segunda casa, onde eu passo maior parte do tempo e eu vi sobre trans, pesquisar, pra me entender melhor e eu fui ver os comentários e fiquei muito mal, porque tinham algumas coisas dizendo “ah você precisa usar tal roupa” “você precisa deixar o cabelo de tal forma” “você precisa fazer cirurgia”. Aí eu cheguei no meu guarda roupa, que só tem roupa feminina porque é minha mãe que compra pra mim e fiquei “caralho, que merda”, eu fiquei triste... também tenho depressão e ansiedade. É uma pressão que outras pessoas colocam, que nem é você, sabe? Que vem de outras pessoas. Isso me faz questionar “será que sou trans mesmo? porque eu só uso roupas femininas.” Isso me deixa muito perdido. E eu tava até conversando com uma colega que eu não tenho certeza e logo que falei me arrependi. Porque as pessoas colocam na sua cabeça tanta regra... Uma cirurgia para tirar os seios é muito cara. Como meus pais não me aceitam, eu nem teria ninguém pra cuidar de mim no pós-operatório, e aí como faz? E tem muitas coisas além disso (ESTUDANTE E., 2023)

O corpo é parte fundamental do trabalho do Teatro do Oprimido. Mignolo (2017) demonstra que as práticas e atos corporais são modelados pelo gênero nas relações de poder no sistema colonial. Ao trazer para o debate das oficinas uma perspectiva crítica sobre o seu lugar no mundo, é possível pensar em outras formas de vivência.

O corpo desencadeia uma série de discursos que foram, ao longo do tempo, inscrevendo-se nele, a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideias da cultura. O corpo é, pois, uma espécie de escrita viva na qual as forças e dinâmicas sociais imprimem ressonâncias e cavam caminhos (Santos, p. 40, 2020).

Preciado (2011) discorre sobre a desterritorialização da heterossexualidade, fenômeno que afeta os espaços urbano, social e corporal, traçando a resistência aos processos de normatividade. Como aponta Bento

(2011), existe um controle na produção da cis-heterossexualidade, que ronda e controla aquilo que foge da performance de gênero.

São corpos que embaralham as fronteiras entre o real e o fictício, entre o corpo-homem/mulher e o corpo outro transgressor e abjeto – corpos que não deveriam existir dentro de determinada matriz cultural – e que, por isso, sofrem a ausência de reconhecimento e legitimidade, demonstrando que as normas de gênero não conseguem um consenso absoluto na vida social (Santos, 2020, p. 44)

Algo essencial no trabalho de corpo em grupo é a escuta, que auxilia no fortalecimento de vínculo e torna o ambiente mais seguro para o compartilhamento de experiências. Após os exercícios, sempre realizávamos uma roda de conversa o que possibilitava compartilhar as experiências vivenciadas no cotidiano individual e coletivo, construindo cenas ou ideias de transformação do real. Ao debater o corpo situado num cotidiano hostil como a escola, os jovens puderam refletir e expressar as multiplicidades das suas experiências, questionando a cis-heteronormatividade. Letícia Nascimento (2021), assinala que “os corpos são referências que podem funcionar como âncora para nossas identidades, um ponto firme ao qual nos vinculamos e nos conectamos, um ponto de apoio”(Nascimento, 2021, p. 124). O diálogo sobre a diferença conduzido pelos jovens exemplifica essa busca por igualdade dentro de uma sociedade cis-heteronormativa:

V: Eu acho que colocar, é... Eu odeio essa frase quando as pessoas usam, tipo “uma pessoa como eu”. Significa que você próprio está se excluindo de algo, como se fosse diferente.
I: eu odeio aquela “todos nós somos iguais”
V: Sim e esse igual da frase não existe, então
I: Ninguém é igual, todo mundo é diferente, tem um jeito diferente, pensa de uma forma diferente, age de forma diferente. Então essa coisa de “ai, somos todos iguais hahaha”..
V: A frase somos todos iguais é só na teoria mesmo, então eu acho que pessoas igual a gente que não tem voz pra falar e não atua em lugares que poderíamos estar em nossa vida simplesmente pela falta de aceitação (...) [grifo meu] (DIÁLOGO DAS OFICINAS, 2023)

Na sociedade contemporânea, é cada vez mais visível a importância de nomear quem nós somos ao mundo. A complexidade das experiências humanas vai além das categorias tradicionais, e é por meio do ato de nomear que reivindicamos nossa existência, estabelecendo nossa autenticidade e resistindo

à normatividade. Como afirmou a escritora lésbica e chicana Glória Anzaldúa (2021): "nomear é como eu faço a minha presença ser conhecida, como eu afirmo quem e o que eu sou e como quero ser conhecida. Nomear a mim mesma é uma tática de sobrevivência" (Anzaldúa, 2021,p.129).

Essas palavras ressoam profundamente em um mundo que frequentemente tenta nos encaixar em categorias predefinidas, ignorando a riqueza e a diversidade de nossas identidades. Ao nomear, exercemos nosso poder de autodefinição. Recusando a invisibilidade imposta e rejeitando o silenciamento, afirmando nossa existência além dos rótulos impostos por uma sociedade cis-heteronormativa. O ato de nomear é uma maneira de nos conectar às nossas próprias perspectivas e comunicá-las ao mundo.

Como representação do Teatro do Oprimido existe uma árvore, organismo vivo em constante movimento, com diversas ramificações que se entrelaçam. Essa analogia é significativa ao pensarmos em uma metodologia que propõe um diálogo e transformação social. A comparação estende-se à pensar na escola como dispositivo institucional composto de jovens, fase da vida em que o movimento é natural. Para além de refletir as mudanças necessárias dentro da escola, seu currículo, normativas e aspectos organizacionais. As intervenções possibilitaram pensar na transformação do real e do cotidiano através da juventude por meio da arte.

J: O teatro para mim é uma liberdade que você tem de representar as coisas que você sente. Assim, você começa a fazer as cenas e você começa a fazer um personagem que tem dentro de você e que você não sabia. É... tipo assim, demonstrar um pouco da raiva, um pouco da alegria, da tristeza, um pouco de tudo.

Pesquisadora: E para além disso, como você sentiu o espaço que tinha pra gente conversar depois?

J: Eu me senti um pouco... um pouco não. Eu me senti livre falando sobre isso, eu não tenho muito com quem falar das coisas que eu passo. Por exemplo, se eu for falar isso para os meus pais eles vão me discriminar e falar um monte de coisa, mas aqui nas oficinas, eu consigo me expressar livremente... sobre o que eu sinto, o que eu sou, o que passa na minha cabeça. Ouvir as pessoas falando também, é bom! Eu gosto bastante de falar sobre o cotidiano.

Pesquisadora: E acaba que as pessoas tinham coisas semelhantes entre si, né?

J: Sim, tipo, a maioria das pessoas que estavam participando passavam pelos mesmos problemas que eu passo. Por exemplo,

LGBTfobia, eu sou “encubado”, não falo para minha família porque eles são muito opressores com essa parte. Se for isso, você vai ser castigado, você está precisando de uma cura religiosa. E eu passo por isso todos os dias, como eles também estão passando. A transexualidade, e não ser aceito pela família. Sobre a identidade que você tem e outras pessoas não aceitam... é isso. (DIÁLOGO DAS OFICINAS, 2023)

Imagem 02 - Oficina de Teatro do Oprimido



Fonte: Acervo da autora (2023)

Ao abordarmos os diversos tipos de opressão, discutimos não só a experiência dentro da escola como também nos diversos espaços do cotidiano. Refletimos sobre as expectativas que a sociedade cis-heteronormativa impõe às pessoas LGBTI+ em sua performance no mundo. A cena construída também retratava questões do cotidiano, a ideia era: cena performática "contar história através do corpo" - uma pessoa central (com uma roupa neutra) e outras pessoas em volta representando os conflitos (identidade, LGBTI+fobia, relações familiares e pressão escolar), criando uma "coreografia" que trouxesse uma semelhança a cada conflito.

V: Eu acho que a expressão de identidade visual e ... por exemplo, eu tinha muita dificuldade de expressar minha identidade de gênero e expressar a pessoa que eu sou do jeito que eu sou. Porque as pessoas colocam muitos estereótipos na gente, de que se você se identifica com uma coisa você tem que agir de certa forma e de determinados trejeitos porque é natural daquilo. Sendo que a gente se constrói, o ser humano é uma construção e aí eu enxergo isso dentro da escola como uma possibilidade de eu me expressar do jeito que eu sou. Como são pessoas que eu não conheço, que eu nunca interagi, eu tenho a chance de me apresentar como eu quero. Então é um processo gradual daquilo que seria doloroso, diferente das pessoas que você convive desde sempre e é doloroso. Então seria a expressão da identidade.

Pesquisadora: Então aqui na escola você se sente mais acolhido?

V: Sim.

I: Eu não.

Pesquisadora: como você se sente?

I: É porque... eu não sei se é pela questão de ser não-binário, de não ser uma pessoa binária, é uma coisa muito complicada para o pessoal hoje em dia. Mas pra mim é muito difícil ter que explicar quem eu sou e como eu me identifico. Na escola, não há alguém que seja como eu.

Pesquisadora: Como você acha que isso poderia se modificar?

I: Eu acho que se tivesse mais explicações e pessoas parecidas comigo e que tenham experiências parecidas comigo, explicassem melhor como é ser quem você é, eu acho que talvez ajudaria as pessoas a entenderem um pouco melhor. (DIÁLOGO DAS OFICINAS, 2023)

As movimentações e mudanças individuais refletem transformações coletivas na sociedade. Bell hooks (2021) aponta que quando estudantes marginalizados adentram ambientes que são moldados por políticas de dominação, podem ter sua autoestima prejudicada irreparavelmente. Assim, criar espaços de escuta e fortalecimento coletivo significa permitir que esses jovens se apropriem de sua identidade. Por meio das oficinas, construímos um coletivo marcado pela troca de afetos, angústias e reflexões sobre o cotidiano escolar e, também, os atravessamentos da vida em sociedade. A escola como espaço de troca de experiências e a produção de saberes, contribui para que os jovens desenvolvam senso crítico, autonomia e capacidade de atuação consciente na sociedade.

Considerações Finais

As oficinas de Teatro do Oprimido realizadas na escola revelaram-se como um forte dispositivo de diálogo entre diversidades juvenis na escola, criando espaço de composição construído pelos próprios alunos mediante a produção artística e cultural, questionando o cotidiano juvenil. O caminho metodológico que a pesquisa percorreu, no intuito de todos terem participação ativa sobre o processo, auxiliou na construção de um coletivo.

As intervenções não partiram de uma temática pré-definida, os temas emergiram a partir do próprio grupo e suas vivências. Considerando a natureza da pesquisa-intervenção e sua correlação dos pesquisadores envolvidos, é importante contextualizar como isso influenciou a dinâmica entre nós e os alunos durante os encontros. Quando os alunos compartilhavam suas angústias e também suas apropriações, nos reconhecemos em suas narrativas, acolhendo

um passado de opressão, mas também vislumbrando um futuro com diversas possibilidades de existência. Uma realidade onde expressar a própria identidade não implica em repressão, mas sim uma possibilidade de simplesmente existir (Domingues e Gontijo, 2020).

Considerando os aspectos relacionados ao impacto das oficinas, as questões de gênero e sexualidade influenciam tanto a instituição quanto seu ambiente externo. Conforme Belém (2016), entre as diversas abordagens e técnicas que fundamentam a metodologia do TO, a característica mais marcante é a capacidade de representar valores e ideias inseridos em determinada cultura e contexto social. Para Boal (1975), o teatro atua como meio de explicar a sociedade e enquanto meio para narrar a história da humanidade.

A escola e o teatro são instrumentos que contribuem para o estabelecimento da autonomia do sujeito em contato com seu espaço social; desse modo, são imprescindíveis à formação integral do indivíduo (Belém, 2026, p. 57)

O aprendizado torna-se a apropriação e reinvenção da cultura cotidiana. Para Freire (2021), apropriar-se da cultura é um processo crítico e reflexivo sobre a condição humana, sendo o objetivo da educação a emancipação do sujeito baseada no exercício autônomo de leitura do mundo. A partir disso, cada pessoa elabora condições para construir e reconstruir sua história de forma concreta. Ao trazer a perspectiva de composição e diálogo com os estudantes, propõe a reflexão sobre o processo de construção democrática no âmbito da educação, enquanto “esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica” (Freire; Nogueira, 1989, p. 19).

Desse modo, ao contextualizar a relação do corpo com o cotidiano escolar, visualiza-se a escola também como esse lugar institucional que reproduz normativas sociais. Há na sociedade a normalização da heterossexualidade, inclusive nos currículos escolares. Nesse sentido, a escola desempenha um papel significativo na heterossexualização compulsória e assimilação de normas de gênero (Junqueira, 2013).

Abordar a diversidade no ambiente escolar é processual, já que não há um lado igualitário. A realidade é que a diferença já é algo intrínseco à suposta igualdade. O desafio está em reconhecer a humanidade constituída pela diversidade e, nesta, questionar a normalidade, identificando a violência da imposição hegemônica como igualdade natural. Ao compreender a violência na construção das identidades de gênero, observamos a LGBTI+fobia como prática presente nas relações sociais, especialmente no ambiente escolar (Bento, 2011).

Nesse sentido, é fundamental pensar na construção de espaços escolares que fortaleçam as lutas coletivas e diálogos sobre opressões cotidianas. A prática do TO na escola traz à tona a promoção de debates que não estão presentes no cotidiano escolar, abordando temas que permeiam tanto o individual, quanto o coletivo da sociedade: raça, sexualidade, classe, deficiência, gênero e outros marcadores sociais que não são comumente abordados. Dessa forma, através do diálogo, constroem condições de encontrar alternativas, não só no palco, mas na vida real.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.

ANDRADA, Paula Costa de; DOMINGUES, Bruno Rodrigo Carvalho; GONTIJO, Fabiano. Atuação de Psicólogas(os) na Escola: Enfrentando Desafios na Proposição de Práticas Críticas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39, p. e1877342, Dez/2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003187342> . Acesso em: 06/10/2024.

ANZALDÚA, Gloria. *A Vulva é uma Ferida Aberta e Outros Ensaios*. Rio de Janeiro: A Bolha, 2021.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BELÉM, Maria Augusta de Farias. *O teatro do oprimido no espaço escolar: um despertar crítico e criativo*. 114pgs. Dissertação. Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB, 2016.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis v. 19, n. 2, p. 549-559, Out/2011.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200016>. Acesso em: 06/10/2024.

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

BOAL, Augusto. *A Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BRASIL, Cristiano; HELMHOLTZ, Ian. Uma dúzia de incertezas sobre a pedagogia da diferença. In: BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de; CIDADE, Maria Luiza Rovaris; CUNHA, Thiago Colmenero; MATOS, Alfredo Assunção (Ed.Org.). *Gênero e Diversidade na Escola: práticas transversais, polifônicas, compartilhadas, inquietas*. Rio de Janeiro: Pró-Reitoria de Extensão, 2014. p. 18-31.

CHASSOT, Carolina Seibel; SILVA, Rosane Azevedo Neves da. A pesquisa-intervenção participativa como estratégia metodológica: relato de uma pesquisa em associação. *Psicologia & Sociedade*, v. 30, p. e181737, Nov/2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30181737>. Acesso em: 06/10/2025.

CONCEIÇÃO, Alessandro. *Cor dos Oprimidos: o teatro do oprimido como resistência, ação e reflexão frente ao racismo*. 151 pgs. Dissertação. Mestrado Profissional em Relações Étnico-Raciais (PPRER), CEFET/RJ, Rio de Janeiro - RJ, 2017.

DOMINGUES, Bruno Rodrigo Carvalho; GONTIJO, Fabiano. Como assim, cidade do interior? Antropologia, urbanidade e interioridade no Brasil. *Ilha Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 61-83, Set/2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2021.e74075>. Acesso em: 06/10/2024.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. 38. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. *Que fazer: teoria e prática em educação popular*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 78. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

HOOKS, Bell. *Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante, 2020.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do armário - A normatividade em ação. *Retratos da Escola*, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 481-498, Dez/2013. Disponível em:

<https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/320/490>.

Acesso em: 06/10/2024.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200012>.

Acesso em: 06/10/2024.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 46, p. 201-218, Dez/2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982007000200008>. Acesso em: 06/10/2024

LOURO, Guacira Lopes. *Pedagogias da Sexualidade. O Corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Editora V, 2012.

MIGNOLO, Walter. Desafios Decoloniais Hoje. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu/PR, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017. Disponível em:

<https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772/645>.

Acesso em: 06/10/2024.

PRECIADO, Paul. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000100002>. Acesso em: 06/10/2024.

SANTOS, Bárbara. *Teatro do Oprimido - Raízes e Asas: Uma teoria da práxis*. Rio de Janeiro: Íbis Libris, 2016.

SANTOS, Bárbara. *Teatro das Oprimidas*. Rio de Janeiro: Casa Philos, 2019.

SANTOS, Manuela Rodrigues. Objeto de desejo, corpo abjeto: rumo a um corpo decolonial na experiência transexual. *Abriu: estudos de textualidade do Brasil, Galícia e Portugal*, n. 9, p. 39-56, 2020. Disponível em:

<https://raco.cat/index.php/Abriu/article/view/376295>. Acesso em:

06/10/2024.

SILVA, Daniel Vieira; PAVELTCHUK, Fernanda. Olhares atentos: sobre a escola e a heteronormatividade. In: BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de; CIDADE, Maria Luiza Rovaris; CUNHA, Thiago Colmenero; MATOS, Alfredo Assunção (Ed./Org.). *Gênero e Diversidade na Escola: práticas transversais, polifônicas, compartilhadas, inquietas*. Rio de Janeiro: Pró-Reitoria de Extensão, 2014. p. 50-63.

SINESP. Últimos 2 anos concentram 58% dos ataques em escolas no Brasil, mostra estudo do GEPEM-Unicamp. *Educação na mídia*. Disponível em: <https://www.sinesp.org.br/noticias/educacao-na-midia/17839-ultimos-2-anos-concentram-58-dos-ataques-em-escolas-no-brasil-mostra-estudo-do-gepem-unicamp>. Acesso em: 06/10/2025.

TEIXEIRA, Tania M. B. *Dimensões socioeducativas do teatro do oprimido: Paulo Freire e Augusto Boal*. 335 pgs. Tese. Doutorado em Educação e Sociedade, Universidade Autônoma de Barcelona, Barcelona, 2007.

RENAULT, Letícia; RAMOS, Júlia. *Participar da análise, analisar a participação: aspectos metodológicos de uma pesquisa-intervenção participativa em saúde mental*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2020.

ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Katia Faria de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 23, n. 4, p. 64-73, Dez/2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000400010>. Acesso em: 06/10/2025

Recebido em: 29/04/2025

Aprovado em: 25/10/2025

Publicado em: 12/02/2026